

Natureza e Artificialidade nas mulheres das poesias de Victor Hugo e Charles Baudelaire

Grace Alves da Paixão¹

Orientadora: Gloria Carneiro do Amaral

Resumo: O objetivo deste resumo é o de expor algumas das ideias apresentadas no *II Encontro de Pesquisas do Francês*, em Outubro de 2010, que consistem em algumas das discussões levantadas durante a pesquisa de Mestrado defendida em Julho deste ano.

Palavras-chave: Poesia Francesa; Romantismo; Poesia Moderna.

O tema central da pesquisa é a presença da natureza e da artificialidade na constituição das imagens de mulheres das poesias de Victor Hugo e Charles Baudelaire. Para uma melhor abordagem do assunto, a dissertação foi organizada em três capítulos, dos quais se esboça um breve apanhado de ideias que os fundamentam.

O primeiro capítulo, “Comparações entre Victor Hugo e Baudelaire” deteve-se nas comparações já realizadas pela crítica e chegou a algumas conclusões:

Por serem considerados uns dos maiores poetas franceses do século XIX e por terem travado relações pessoais e literárias, eles são bastante comparados. Em geral, as comparações não são o foco principal do crítico, mas este, ao analisar certo aspecto da poesia de um deles, recorre ao outro para marcar semelhanças ou diferenças; na maioria das vezes, diferenças são evidenciadas.

Especialmente na crítica da primeira metade do século XX, a exemplo de autores como Valéry (1924/1948) e Benjamin (1939/2000), os poetas são colocados em oposição e a preferência por Baudelaire é explícita. É significativo um livro como o de Friedrich (1959/1978), da metade do século, que enaltece a poesia moderna e coloca os românticos numa posição de preparação. Nesse contexto, uma voz como a de Aragon (1952), que apela para um retorno a Victor Hugo e para uma revalorização do poeta, é de importância fundamental.

¹ Mestre em Letras (área de Literatura Francesa) pela FFLCH-USP. E-mails: paixao.grace@gmail.com/paixao.grace@usp.com

Na segunda metade do século, as comparações que tendem a opô-los arrefecem e críticos que se debruçam sobre a obra de Victor Hugo começam a lançar novos olhares sobre ele, de forma a não mais enquadrá-lo em estereótipos anteriormente estabelecidos – devem-se ressaltar críticos como Albouy, que fez as introduções das obras completas de Victor Hugo para as edições da Pléiade, da Gallimard, nos anos de 1970, Gleize (1983), Benichou (1988) e Durand (2005). Além disso, é significativo um trabalho como o de Berardinelli (2007), que revê alguns aspectos da poesia moderna de modo a não mais hipervalorizar suas características.

Ou seja, tanto Victor Hugo, quanto Baudelaire estiveram sempre revisitados pela crítica e suas obras são alvo de interpretações bastante diversas.

No segundo capítulo, “Victor Hugo e Baudelaire, homens e poetas do século XIX”, foram abordadas algumas complexidades de suas obras poéticas a partir dos seus olhares sobre o contexto da França no século XIX e das relações que suas obras estabelecem com ele. Diferenças foram mais salientadas, pois, com relação ao *progresso*, ao *poeta* e à *paisagem*, temas estudados no capítulo, eles apresentam perspectivas distintas.

Victor Hugo confere ao poeta um papel de destaque: este seria um ser *iluminado*, cuja função seria a de guiar o povo em direção à paz, à união entre os homens e a outros ideais dessa natureza. Ao passo que o poeta da poesia de Baudelaire está em posição de igualdade com seu leitor, às vezes até mesmo de inferioridade: “– Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!”.

Outra diferença interessante: Victor Hugo tem uma análise bastante positiva do progresso, contudo, o eu lírico de sua poesia é bastante ligado à natureza, como se a poesia fosse capaz de resgatar a relação homem/universo natural, perdida nos tempos mais modernos. Baudelaire, por sua vez, criticou veementemente o progresso, mas o eu lírico de sua poesia tem uma ligação marcante com a cidade moderna, lugar onde os aspectos do progresso eram mais evidentes.

Tal reflexão foi fundamental para o estudo da presença da natureza e da artificialidade nas figuras femininas, assunto do terceiro capítulo: “Natureza e artificialidade nas mulheres das poesias de Victor Hugo e Baudelaire”, onde diferenças e correlações foram elencadas.

Numa análise de características mais gerais, pode-se distinguir a preferência do eu lírico hugoano por uma mulher ligada ao universo natural e a preferência do eu lírico baudelairiano por uma mulher artificial, relacionada ao contexto urbano. Tal dicotomia é verdadeira, mas não leva em conta complexidades importantes; portanto, não abarca obras que, no seu interior, são multifacetadas.

Ao cotejar os textos, descobre-se que uma diferenciação acirrada não faz sentido, porque a presença da natureza, a ligação com a artificialidade, a vida urbana, a sensualidade, a juventude, a maturidade e o sofrimento, temas nos quais se centra o estudo, estão colocados tanto nos poemas de Victor Hugo que tratam da mulher, quanto de poemas baudelairianos. Claro, a forma como lidam com tais aspectos tem particularidades.

A crítica frequentemente insiste sobre a rejeição de Baudelaire ao natural e na presença de uma mulher urbana nas *Flores do Mal*. Entretanto, a mulher tem, na obra, uma ligação estreita com a natureza. Não que seja retratada em ambientes naturais, mas as recorrentes metáforas de que o poeta lança mão para descrevê-la trazem a natureza como elemento de sua constituição interior. Ela pode não estar num ambiente natural, mas ela é natureza.

Com relação à obra de Victor Hugo, é inegável que suas mulheres, retratadas em paisagens bucólicas, têm uma ligação vital com a natureza e mostram um ideal de beleza que une elementos como: juventude, alegria, ingenuidade e natureza. No entanto, um poema como “Dizain de Femmes” (*Les Chansons des Rues et des Bois*), em que o eu lírico é fascinado e seduzido pelos apetrechos artificiais das mulheres, revela um contraponto interessante.

Há outros aspectos levantados na pesquisa que não foram trazidos à baila por se tratar de um resumo. O que, por fim, merece ser salientada é a dificuldade em se abordar mulheres que, em determinados momentos, parecem de natureza tão opostas, mas que já um segundo olhar leva a observar que, entre as diferenças, há semelhanças em diversos sentidos.

Há que se ressaltar, igualmente, que a apreensão do feminino pelos poetas passa por uma série de estereótipos e de projeções e que há algo que impede que se tracem delimitações precisas entre essas mulheres poéticas.

Referências

ALBOUY, P. Introduction. In: HUGO, V. *Œuvres Poétiques III*. Bruges: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1974, p. IX-LII.

_____. Introduction. In: HUGO, V. *Œuvres Poétiques I*. Dijon: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1964, p. XXXI-L.

_____. Introduction. In: HUGO, V. *Œuvres Poétiques II*. Bruges: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1967, p. IX-LXXIX.

ARAGON, L. *Avez-vous lu Victor Hugo?*. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1952.

BAUDELAIRE, C. *Œuvres Complètes I*. Ligugé, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1975.

BÉNICHOU, P. *Les mages romantiques*. Mayenne: Gallimard, 1988.

BENJAMIN, W. (1939) *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BERARDINELLI, A. As muitas vozes da poesia moderna. In: _____. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 17-42.

DURAND, P. *L'art d'être Hugo*. Mayenne: Actes Sud, 2005.

FRIEDRICH, H. (1956) *Estrutura da Lírica Moderna, da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GLEIZE, J-M. Le lyrisme en question. In: _____. *Poésie et Figuration*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

HUGO, V. *Œuvres Poétiques III*. Bruges: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1974.

VALÉRY, P. (1924) Situation de Baudelaire. In: _____. *Variété II*. Paris: Gallimard, 1948, p. 129-155.

Agradecimentos

À Prof.a Dr.a Gloria Carneiro do Amaral, orientadora da pesquisa.

Aos organizadores do evento “II Encontro de Pesquisas do Francês”, pela oportunidade de divulgar o trabalho.

À Capes, pela bolsa de Mestrado.